

OS DIREITOS HUMANOS DAS SEREIAS: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA DOS PAPÉIS E VIOLÊNCIAS DE GÊNERO

*HUMAN RIGHTS OF MERMAIDS:
AN ANALYSIS OF THE CINEMATOGRAPHIC
REPRESENTATION OF GENDER ROLES AND VIOLENCE*

VITORYA RODRIGUES SOUSA MORAIS NEAS

Especialista em Direito Público pelo Programa de Pós-Graduação em Direito e Políticas Públicas da Universidade Federal de Goiás.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7666186133837665>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4074-3060>

E-mail: vitoryaneas@gmail.com.

Resumo: O objetivo desse artigo é analisar como as sereias podem ser vistas como um espelho distorcido das experiências das mulheres, refletindo suas lutas, anseios e desafios em um mundo frequentemente dominado por papéis de gênero e expectativas patriarcais. Considerando a pluralidade interseccional de mulheres representadas por estes seres femininos, utilizadas em filmes como tecnologia de gênero, buscou-se observar o desrespeito aos direitos humanos em suas trajetórias, em analogia à realidade das mulheres brasileiras. A leitura crítica das relações de gênero nas histórias das sereias Circe, Iara, Ariel e Ursula destaca como a narrativa pode ser interpretada como uma forma de reforçar normas de gênero tradicionais, ao mesmo tempo em que marginaliza personagens que desafiam essas normas.

Palavras-chave: Gênero. Direitos das Mulheres. Interseccionalidade. Sereias.

Abstract: The objective of this article is to analyze how mermaids can be seen as a distorted mirror of women's experiences, reflecting their struggles, desires, and challenges in a world often dominated by gender roles and patriarchal expectations. Considering the intersectional plurality of women represented by these female beings, used in films as gender technology, the disrespect for human rights in their trajectories was observed, in analogy to the reality of Brazilian women. The critical reading of gender relations in the stories of Circe, Iara, Ariel and Ursula highlights how the narrative can be interpreted as a way to reinforce traditional gender norms, while marginalizing characters who challenge these norms.

Keywords: Gender. Women's Rights. Intersections. Mermaids.

Introdução

O objetivo desse artigo é analisar como as sereias podem ser vistas como um espelho distorcido das experiências das mulheres, refletindo suas lutas, anseios e desafios em um mundo frequentemente dominado por normas de gênero e expectativas patriarcais. Enquanto criaturas míticas, as sereias servem como um ponto de partida para a reflexão e a discussão sobre as questões de gênero e sexualidade que afetam as mulheres reais. Para tanto, são estudados a objetificação do ser feminino, o padrão de beleza inalcançável, a busca por liberdade e autonomia, a identidade de gênero fluida e não-binária e a violação dos direitos humanos e das mulheres. Como escreveu Hans Christian Andersen no conto de fadas “A Sereiazinha”, seriam as mulheres reais como seres românticos e trágicos à imagem das sereias?

Foram analisadas as histórias das personagens Circe, Iara, Ariel e Ursula, bem como as cenas de seus respectivos filmes. Sob o prisma do método hermenêutico elucidado por Maria Cecília Minayo (2010), buscou-se averiguar os valores e estereótipos de gênero veiculados por estas sereias. É importante ressaltar que, considerando a pluralidade interseccional de mulheres representadas pelas figuras escolhidas, observou-se o respeito aos direitos humanos em suas trajetórias, em analogia à realidade das mulheres brasileiras. Assim, buscou-se uma abordagem interdisciplinar e culturalmente sensível para interpretar e compreender as diversas vulnerabilidades das mulheres e sua representação enquanto criatura mágica e perigosa.

Como referencial teórico, diversas autoras foram adotadas. São elas Judith Butler (1987) e sua teoria queer; Valeska Zanelo (2018) e os conceitos dos dispositivos de gênero; bell hooks (2019) e feminismo negro; Djamilia Ribeiro (2017) e o conceito de lugar de fala; e Graciele Seibert (2018) e seus estudos sobre mulheres camponesas.

Inicialmente, em “Circe e o canto da sereia”, o artigo discute a aplicação dos direitos humanos na sociedade brasileira e a metáfora do “canto da sereia” como uma sedução perigosa. Destaca-se as contradições na realização dos direitos humanos em um contexto de desigualdades estruturais e defende-se a resistência diante das violações e desumanizações. A metáfora de Circe em “A Odisseia” é usada para desafiar os estereótipos dos papéis de gênero, tanto por poder representar uma mulher forte que rejeita a subordinação masculina e usa suas habilidades para defender a si, quanto por poder ser interpretada como uma mulher que, abdicando de suas próprias necessidades, concede poder e sabedoria ao homem para que ele possa atingir o sucesso.

Seguindo para “Iara, a lenda do folclore brasileiro”, é ressaltado a violência de gênero no Brasil e sua ligação com a cultura patriarcal, o racismo, o capitalismo e a visão adultocêntrica da sociedade. Argumenta-se que a ordem patriarcal impõe violência e domínio sobre as mulheres, destacando a importância da legitimação social para enfrentar essa violência. A representação da sereia Iara, com destaque ao lúdico curta-metragem “A Lenda da Iara”, emerge a situação das mulheres indígenas e camponesas. É salientado no subtópico “Rio que nutre a tribo e o campo” que as mulheres indígenas enfrentam violência física, sexual e psicológica, tanto dentro quanto fora de suas comunidades, em um contexto de desigualdades de gênero agravadas pela discriminação étnica. É evidenciada também a interconexão entre questões ambientais e direitos humanos, e os desafios enfrentados pelas mulheres camponesas no acesso à terra e à assistência em casos de violência. Isso ressalta a vulnerabilidade dessas mulheres, tanto por falta de estrutura quanto por discriminação institucional e comunitária.

A terceira sereia foi apresentada no tópico “A Pequena Sereia”. Ariel é uma jovem sereia que deseja se tornar humana, porém esse sonho leva-a a aceitar padrões de beleza e papéis de gênero tradicionais. Por meio do “dispositivo amoroso”, os relacionamentos românticos são vistos como fonte de felicidade e sacrifício feminino. Ainda, através da “prateleira do amor”, as mulheres são figurativamente classificadas com base em atributos sociais, culturais e pessoais. O silenciamento de Ariel, ao sacrificar sua voz por um relacionamento, evidencia como as mulheres são muitas vezes subjugadas aos ideais de beleza e casamento. Ademais, a repercussão midiática negativa acerca da escolha de uma atriz negra para representar Ariel reflete uma resistência social à ideia de personagens negras ocupando papéis tradicionalmente reservados para brancos, conforme apresentado em “A sereia preta”. Este incidente destaca a realidade do racismo, especialmente no Brasil, onde as mulheres negras enfrentam uma dupla desvantagem devido ao sexismo e ao racismo.

Não obstante, discute-se no subtópico “Piracema” que o desejo de Ariel de liberdade e autonomia é visto como uma transgressão à ordem patriarcal. Fez-se um paralelo com a realidade da América Latina, cujas políticas relacionadas ao aborto e à sexualidade lidam com dinâmicas onde os corpos estão em disputa, cruzando as esferas pública e íntima. A abordagem feminista defende que as práticas e valores nas esferas reprodutiva e sexual são definidos por contextos econômicos, morais, sociais e institucionais, e há uma base política para separar o direito autônomo à capacidade reprodutiva do direito à sexualidade livre e diversa.

Por fim, em “Ursula, a vilã queer”, ressalta-se a personagem ser uma representação não convencional de sexualidade e gênero. Esta interpretação sobre a ruptura dos papéis de gênero por Ursula é baseada em análises críticas e teorias queer, sendo desafiada a ideia de uma identidade de gênero estável e inerente, argumentando que o gênero é uma construção social repetitiva e performática, influenciado por normas culturais e sociais. A teoria queer explora como as normas de gênero e sexualidade são mantidas e perpetuadas e sugere que a subversão das normas de gênero pode ser uma forma de resistência política, desconstruindo estruturas de poder.

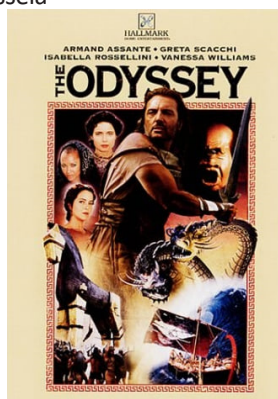
Circe e o canto da sereia

Os autores Freire, Sierra e Batalha (2018) destacam a discussão de que os Direitos Humanos seriam o “canto da sereia”, a ilusão da possibilidade da universalidade dos direitos nas sociedades capitalistas. Quanto à “ilusão”, tem-se que embora a Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada em 1948 na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, e a Carta Magna de 1988 proclame os direitos, a realidade brasileira os trai. O princípio da universalidade *“esbarra em limites estruturais da sociedade capitalista: uma sociedade que se reproduz através de divisões do trabalho, de classes, do conhecimento, da posse privada dos meios de produção, da riqueza socialmente produzida”* (Barroco, 2003).

Contudo, os autores concluem ser impossível negar que, mesmo havendo críticas à possibilidade de implementar plenamente os direitos humanos, as lutas em prol desses direitos reafirmam a importância da resistência diante do crescimento das variadas formas de desumanização. Além disso, tais batalhas fortalecem as ações de denúncia sobre violações e ofensas à dignidade humana, bem como dão visibilidade a práticas que visam ao reconhecimento social de diversos grupos oprimidos.

Ainda, a proposição de que os direitos humanos seriam o “canto da sereia” pode ser entendido como se fosse um discurso sedutor e perigoso por alguns segmentos da sociedade brasileira, que veem os direitos humanos como uma ameaça à ordem social estabelecida. Eles podem interpretar a defesa dos direitos humanos como um questionamento dos valores tradicionais e uma tentativa de minar as instituições existentes, incluindo a família, a religião e a autoridade. Mister considerar a distorção ou desconhecimento acerca da importância dos direitos humanos, bem como o conflito de interesses econômicos e políticos. Outrossim, os direitos humanos muitas vezes demandam mudanças significativas na sociedade, incluindo a igualdade de gênero, a inclusão de minorias, a luta contra a discriminação e a violência, e o respeito pelos direitos civis e políticos.

Figura 1. Pôster do filme “A Odisseia”



Fonte: GRÉCIA ANTIGA (2013).

O canto sedutor que originou a expressão “canto da sereia” vem da figura da mitologia grega Circe. Na produção “A Odisseia” (1997), dirigido por Andrey Konchalovskiy, ela foi interpretada por Greta Scacchi. A versão retrata com cuidado em detalhes o poema épico original de Homero, que conta a trajetória do herói Ulisses. A personagem é retratada como uma feiticeira poderosa, que transformava homens em feras por seus cantos. Entretanto, os então leões, tigres e lobos não eram ferozes, mas sim domados pela arte de Circe. No poema e na cena do filme, Circe transformou a tripulação de Ulisses em porcos. Mas o herói consegue enganar a feiticeira para retornarem ao estado humano. Circe aconselhou Ulisses a cobrir com cera os ouvidos de seus marinheiros para não ouvir o canto, bem como se amarrar no mastro, até ultrapassarem a Ilha das Sereias.

Circe e o “canto de sereia” reflete uma série de simbologias acerca dos papéis de gênero da mulher e do homem.

A narrativa do mito de Circe é frequentemente usada para retratar mulheres como perigosas e ameaçadoras para a masculinidade. Por exemplo, o homem não poder resistir à sedução da mulher a não ser que esteja “amarrado” como Ulisses, o que reforça o discurso de que o homem não seria capaz de controlar seus desejos sexuais, argumento utilizado em casos de violência sexual contra mulheres. Essa representação é uma forma de reforçar estereótipos de gênero e de reforçar a ideia de que as mulheres são inferiores aos homens e devem ser controladas e subordinadas a eles.

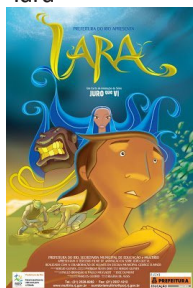
A história retratada também reforça o uso da sedução sexual como barganha e a subjugação da mulher poderosa para o homem tido como herói tornando-a sua amante. Sua transformação dos homens em animais também é vista como uma forma de castração simbólica, que destaca o poder de Circe sobre eles. Ainda, a representação da transformação de homens em porcos também simboliza “impureza” desses seres, segundo a concepção grega.

A figura de Circe na mitologia grega é uma personagem complexa e multifacetada, que pode ser interpretada de diferentes maneiras, tanto como a mulher empoderada que se recusa a ser subordinada aos homens e que usa seus poderes mágicos para se defender e proteger a si mesma e a sua ilha, quanto como aquela que cede o seu poder e sabedoria para que o homem herói alcance êxito em sua jornada, abrindo mão de seus próprios interesses. Com efeito, tem-se que a interpretação sobre Circe desafia os estereótipos de gênero e as atitudes sexistas e misóginas que estão associadas à sua figura. No Brasil, a representação do canto da sereia é feita através da lenda de lara.

lara, a lenda do folclore brasileiro

lara é uma lenda do folclore brasileiro que também é conhecida como “Mãe-d’água” ou “Mãe do Rio”. Ela é descrita como uma sereia morena com cabelos longos e olhos castanhos, e muitas vezes é retratada com uma beleza inigualável. Sua história varia conforme a região do Brasil, mas comumente é descrita como uma sereia que vive nas águas dos rios, seduzindo pescadores com sua beleza e sua voz hipnótica. A figura folclórica é retratada no curta-metragem brasileiro “lara” (2004), dirigido por Sergio Glenes. A história tem como cenário o garimpo em rica floresta, mangues, rios e a misteriosa cultura indígena da região. Na trama, a sereia lara salva ribeirinho que não queria degradar o meio ambiente enquanto o dono do garimpo permaneceu no fundo da água por sua ganância em encontrar ouro.

Figura 2. Pôster do curta-metragem “lara”



Fonte: MOSTRA DE CINEMA INFANTIL (2011).

Esta lenda folclórica deixa claro o choque entre culturas dentro de um mesmo país e a necessidade de tolerância e respeito pela diversidade. A personagem Iara, assim como a população que vive da natureza, é tratada como “exótica” e é alvo de curiosidade e preconceito. Isso pode ser interpretado como uma crítica ao racismo, à xenofobia e ao preconceito de uma forma mais ampla, evidenciando a importância dos direitos humanos universais e da valorização da diversidade cultural.

Especialmente no que se refere ao tratamento da sociedade à mulher brasileira, a socióloga Saffioti (2001) destaca em seu artigo científico “Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero” as contribuições feministas na prevenção de violência de gênero no Brasil. Para tanto, conceitua violência de gênero de modo amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos, vez que, no exercício das funções patriarcais, a categoria social de homens exige que sua “capacidade de mando” seja auxiliada pela violência. Por sua vez, as mulheres, enquanto categoria social, não têm um projeto de dominação-exploração, embora, com relação a crianças e adolescentes, possam desempenhar a função patriarcal por delegação. Assim, a autora conclui que o poder é atribuído à categoria social “homens”, sendo um poder disponível para uso ou delegação. Nesse contexto, o agente imediato não precisa de presença física para perpetuar a violência, pois agentes sociais subalternos, à exemplo de criados, garantem a operação da “máquina patriarcal”.

A autora admite o conceito de dominação simbólica de Bourdieu (1998), em que a própria dominação constitui, por si só, uma violência, na medida em que a força da ordem masculina não precisa de justificação, ou seja, a visão androcêntrica impõe-se como neutra, em que a ordem social ratifica a dominação masculina em que se funda. Dessa forma, o poder masculino, ao atravessar todas as relações sociais, torna-se senso comum e objetivo, estruturas hierarquizadas. Entretanto, defende a socióloga que a indeterminação parcial dos fenômenos sociais, cujo conhecimento nem sempre é determinado pelo viés de gênero, permite resistência ao processo de dominação-exploração.

Ressalta que esse entendimento destoa da compreensão de Maria Amélia Azevedo (1989), que não permitiu a percepção de reação da vítima. Para Bourdieu, as mulheres são vítimas deste estado-de-coisas, pois a ordem patriarcal de gênero é imposta não requerendo legitimação. A partir da reflexão sobre as reações das mulheres frente a violência doméstica e intrafamiliar, Saffioti firma a posição de crença na necessidade de legitimação social, evitando que a mulher oscile entre ser passivo, coisa e cúmplice do agressor.

Não obstante, esclarece que, *“rigorosamente, o único consenso existente sobre o conceito de gênero reside no fato de que se trata de uma modelagem social, estatisticamente, mas não necessariamente, referida ao sexo”* (Saffioti, 2001). Ademais, alega que a sociedade, além de androcêntrica, é adultocêntrica. Ainda, a autora adverte sobre a necessidade de avaliar o fenômeno pelo ângulo da coletividade, tratando-se de uma análise em termos de categoria de sexo, em que os homens realizam a dominação-exploração das mulheres ainda que adotando sua força física.

Outrossim, retrata-se que nenhuma relação social se passa fora da estrutura social, pois, de modo contrário, seria uma visão dualista que não contribui para o esclarecimento de como a sociedade comporta a violência de gênero, contra as mulheres, intrafamiliar e doméstica. Compreende-se, portanto, que as masculinidades são construções sociais que operam na busca da manutenção da ordem patriarcal, sendo que, no Brasil, está simbioticamente ligado ao racismo e ao capitalismo, bem como a uma sociedade androcêntrica e adultocêntrica, aprofundando as desigualdades e as violências.

Rio que nutre a tribo e o campo

O curta aborda a relação entre a personagem Iara e a cultura indígena, o que pode ser uma reflexão sobre a preservação dos direitos culturais dos povos indígenas no Brasil. Nessa direção, as mulheres assumem papel importante na perpetuação dos conhecimentos tradicionais dos povos originários. Em entrevista, a escritora Eva Potiguara ressalta que as mulheres trazem no cotidiano a manutenção da cultura indígena e *“isso é feito no trabalho na casa de farinha, na colheita do milho, no preparo da tapioca e do mingau de mandioca e ao sentar à luz da fogueira, da lua e das estrelas para contar as histórias, cosmovisões e simbologias de cada povo”* (Santana, 2023).

Entretanto, as mulheres indígenas são frequentemente vítimas de violência física, sexual e psicológica, dentro e fora de suas comunidades. A violência de gênero contra mulheres indígenas é uma manifestação direta das relações de poder desiguais entre homens e mulheres, sendo agravada pela discriminação étnica sistêmica enfrentada pelos povos indígenas. Elas também enfrentam desafios adicionais, como o despojamento de terras e recursos naturais, que insere suas comunidades em situação de vulnerabilidade econômica.

Não obstante, a trama se passa em uma região de manguezal, onde há conflitos com os garimpos ilegais que poluem o ambiente. Essa questão ambiental está intrinsecamente ligada aos direitos humanos, já que a degradação do meio ambiente afeta diretamente a qualidade de vida das pessoas, especialmente das comunidades locais que dependem dos recursos naturais para sobreviver.

Seibert (2018), ao debater sobre as histórias de vida, luta e resistência de mulheres camponesas, trata sobre as desigualdades no acesso à terra no campo brasileiro e, segundo os dados apresentados, evidencia-se a vulnerabilidade das camponesas a situações de violência, agravadas pela ausência de estrutura e de políticas de atendimento às vítimas de violência na zona rural, especialmente nos municípios de interior, que em regra não dispõem de delegacias especializadas.

Contudo, os relatos das mulheres revelam que, também em localidades com delegacias e hospitais, os profissionais não estão habilitados para atender e acolher vítimas de violência, menosprezando a gravidade dos fatos e, espantosamente, negando atendimento e culpabilizando aquelas que sofreram violência. Em consequência, foi apurado que as mulheres temem denunciar diante da violência também institucional e do julgamento da comunidade local marcada por relações sociais patriarcais e conservadoras.

Pequena Sereia, a princesa idealizada

“A Pequena Sereia” (1989) é um filme clássico de animação da Disney que conta a história de Ariel, uma jovem sereia que sonha em se tornar humana para viver no mundo dos seres humanos. A reconhecida história coloca a protagonista para enfrentar diversas formas de violência de gênero. Nesse sentido, as autoras Clara Monteiro e Valeska Zanello (2014) abordam a história de “A Pequena Sereia” sob a ótica dos estudos feministas e da literatura infantil, com ênfase na representação das mulheres na mídia e na literatura. Elas argumentam que a história de Ariel, a sereia protagonista, pode ser vista como uma narrativa que perpetua estereótipos de gênero e submissão feminina.

Figura 3. Pôster do filme “A Pequena Sereia”



Fonte: ADORO CINEMA (2012).

Monteiro e Zanello (2014) observam que, apesar de Ariel ser uma personagem determinada e corajosa, ela acaba abandonando sua vida subaquática e sua família para estar com um homem que mal conhece. As autoras apontam que essa escolha pode ser interpretada como um exemplo

de reforço de papéis de gênero tradicionais, nos quais as mulheres devem se sacrificar e renunciar a seus desejos e necessidades em favor de um parceiro masculino.

Esse comportamento de Ariel é explicado por Zanello (2018) com o dispositivo amoroso, que se trata de forma particular de relações afetivas e de gênero ao estabelecer um modelo dominante de amor romântico, centrado na heteronormatividade e no monogamismo. Dentro do dispositivo amoroso, as mulheres são frequentemente ensinadas a priorizar os relacionamentos românticos como uma fonte central de felicidade e realização, levando à valorização excessiva desses relacionamentos em detrimento de outras áreas de suas vidas e à crença do sacrifício por amor.

As normas de beleza e padrões de gênero também são cristalinas no filme. A busca de Ariel por tornar-se humana está ligada à noção de beleza e feminilidade que a sociedade impõe. Ela é uma sereia, mas deseja ter pernas e, com isso, viver os padrões de beleza humanos que são valorizados na cultura da sociedade em que ela quer viver. Isso ilustra como os padrões de beleza e os papéis de gênero podem se tornar formas de violência de gênero quando são impostos de forma coercitiva.

Um conceito desenvolvido por Zanello (2018) a partir do dispositivo amoroso e que explica a necessidade de aceitação de Ariel é a prateleira do amor, isto é, hierarquia social de afetos e de identidades de gênero feminino, em que as mulheres estariam figurativamente “dispostas” em diferentes prateleiras desta hierarquia. A disposição nas prateleiras tem como base atributos sociais, culturais e pessoais. No topo da prateleira estariam as mulheres brancas, cisgênero e heterossexuais. Em posições “inferiores” da prateleira estariam aquelas que fogem do padrão social e/ou que interseccionalmente ocupam outras minorias, como mulheres portadoras de deficiência física, pretas, gordas, lésbicas, trans e não consideradas “jovens”. Ademais, para Monteiro e Zanello (2014), a imposição do silêncio às mulheres relaciona-se aos ideais de beleza, casamento e qualidades “femininas”, pois a não expressão de opiniões e pontos de vistas foi constantemente veiculada no filme “A Pequena Sereia”, cuja protagonista se silencia ao sacrificar a voz para ter a oportunidade de conquistar um homem.

A sereia preta

O anúncio da atriz Halle Bailey, uma mulher negra, interpretando o papel da princesa Ariel na versão *live-action* do filme, uma sereia tradicionalmente retratada como uma mulher branca, gerou uma onda de comentários racistas e negativos nas redes sociais. Muitas das críticas foram direcionadas ao fato de que a atriz não se encaixava no estereótipo da personagem que as pessoas estavam acostumadas. O racismo é uma realidade no Brasil, as mulheres negras, em particular, enfrentam uma série de discriminações devido a sua cor de pele e gênero.

Figura 4. Pôster do filme “A Pequena Sereia” (live-action)



Fonte: ADORO CINEMA (2023).

Nessa seara, bell hooks (2019) argumenta que as mulheres negras enfrentam uma forma única de opressão que é uma combinação de sexismo e racismo, caracterizando uma posição de

“dupla desvantagem”. A autora destaca que as mulheres negras são frequentemente representadas como desviando do ideal de feminilidade branca e sendo hipersexualizadas. Como consequência as mulheres negras enfrentam desafios únicos em termos de acesso à educação, emprego, saúde, justiça e outros recursos.

A reação ao *casting* de Halle Bailey para o papel de Ariel é um exemplo de como a sociedade muitas vezes rejeita a ideia de personagens negras ocupando posições que tradicionalmente são reservadas para brancos, uma atitude que, sem dúvida, está enraizada no racismo e no machismo estruturais.

Piracema

A personagem Ariel busca a liberdade e a autonomia para escolher seu próprio destino. Esse tema pode ser relacionado aos direitos humanos, especificamente ao direito à liberdade, à autodeterminação e à tomada de decisões individuais. Uma das primeiras formas de violência de gênero que Ariel enfrenta é o controle exercido sobre seu corpo e sua sexualidade. Seu pai, o Rei Tritão, tem um poder patriarcal e exerce controle sobre a vida dela, especialmente ao proibi-la de explorar o mundo dos seres humanos. O desejo de Ariel de se tornar humana e se apaixonar por um humano é visto como uma transgressão e uma ameaça à ordem patriarcal estabelecida. Saindo das telas e emergindo à realidade, o tema de maior repercussão mundial sobre a liberdade e autonomia sobre o corpo das mulheres são os direitos sexuais e reprodutivos.

Ao tratar acerca das políticas “aborto, sexualidade e autonomia” no capítulo 4 do artigo científico “Gênero e Desigualdades: limites da democracia no Brasil”, Biroli (2018) ressalta que as políticas do aborto e da sexualidade culminam em lidar com dinâmicas nas quais os corpos estão em disputa, sendo que as relações de poder atravessam o privado e o íntimo. Assim, a autora expõe a premissa, amplamente compartilhada entre as abordagens feministas, de que a adoção das práticas e dos valores nos âmbitos da reprodução e da sexualidade os definem em contextos diversos - econômicos, morais, sociais e institucionais. Logo, são retirados da ordem do que é reivindicado como natural o corpo e as relações sexuais, a fim de os apreender em sua constituição social, havendo, ainda, fundamentos políticos para não mesclar o direito autônomo sobre a capacidade reprodutiva com o direito à vivência livre e diversa da sexualidade. Não obstante, destaca que a reprodução e a sexualidade são fatos sociais, na medida em que assumem sentido e definição de circunstâncias e possibilidades em contextos determinados, inclusive geográfica e historicamente, sendo a defesa dos “valores familiares” a palavra de ordem na América Latina. O direito das sereias de construir barragens no curso do rio impede a piracema.

Ursula, a vilã queer

Ao tratar sobre Ursula, a vilã do filme, Santos e Piassi (2016) ressaltam que ela é retratada como uma mulher independente e poderosa. Para os autores, Ursula é uma personagem que desafia os estereótipos de gênero, o que a torna uma figura ameaçadora e vilã na narrativa. Eles sugerem que essa representação pode ser interpretada como uma forma de marginalizar e desencorajar mulheres que desafiam as normas de gênero tradicionais.

Não obstante, há discussões sobre a personagem Ursula ser queer, ou seja, uma representação não convencional de sexualidade e gênero, embora não seja explicitamente abordada na obra cinematográfica. Acerca da “vilã” possuir um estilo de gênero que não segue padrões convencionais, sua aparência é extravagante e sua expressão de gênero é mais ambígua e não binária do que a de outros personagens do filme. Sua imagem na animação original de 1989 foi inspirada na *drag queen* Divine, nome artístico de Harris Glenn Milstead. A independência e assertividade da bruxa do mar também podem ser interpretadas como uma subversão das expectativas de gênero tradicionais.

Esta interpretação sobre a ruptura dos papéis de gênero por Ursula, considerando-a exemplo de representação não convencional de gênero e sexualidade, que desafia as normas heteronormativas e binárias, é baseada em análises críticas e teorias queer. A teoria queer é uma corrente da teoria feminista e dos estudos culturais que examina a representação de gênero e

sexualidade na cultura popular e nos meios de comunicação.

Uma das principais autoras da teoria queer é Judith Butler (1987), sendo mais conhecida por sua teoria da performatividade de gênero, que desafia a ideia de que o gênero é uma expressão natural e inata. A autora argumenta que o gênero é uma construção social repetitiva e performática, ou seja, é algo que fazemos ao agir de maneiras que correspondem às normas de gênero. Butler questiona a ideia de uma identidade de gênero estável e inerente. Em vez disso, ela vê a identidade de gênero como um contínuo processo de construção, influenciado por normas culturais e sociais. Por isso o feminismo, para Butler, só pode ser pensado em seu sentido expandido, e não meramente como uma defesa do “feminino” ou das “mulheres”, já que, para ela, a identidade de gênero é o tempo todo questionada.

A teoria de Butler (1987) desafia a dicotomia tradicional entre sexo biológico e gênero, argumentando que os corpos também são performativos, ou seja, a própria ideia de “sexo” é uma construção cultural. A autora critica a heteronormatividade, que é a suposição de que a heterossexualidade é a norma e padrão desejável. Ela explora como as normas de gênero e sexualidade são mantidas e perpetuadas. Sugere que a subversão das normas de gênero pode ser uma forma de resistência política.

Questionar e desafiar as expectativas normativas pode ser uma maneira de desconstruir estruturas de poder. Butler questiona dualidades como masculino/feminino e heterossexual/homossexual, argumentando que essas categorias são construídas socialmente e mantêm relações de poder. A linguagem desempenha um papel fundamental nas teorias de Butler. Através da linguagem, as normas de gênero são repetidas e consolidadas, mas também podem ser desafiadas e subvertidas, como a construção da imagem de Úrsula.

Ao tratar sobre gênero como escolha, Butler (1987) destaca que as constrições sociais sobre conformidade e desvio de gênero são tão grandes que a maioria das pessoas se sentem profundamente feridas se lhes dizem que exercem sua masculinidade ou feminilidade inadequadamente. Isso quer dizer que a identidade de gênero repousa na base instável da invenção humana. E mais importante, Butler ressalta que não é possível assumir um gênero de um momento para o outro, porque o gênero é um projeto tácito para renovar a história cultural nas nossas próprias condições corpóreas.

Vale ressaltar que a comunidade lésbica brasileira adotou o termo “sereia” como uma forma de representação e empoderamento. A associação entre mulheres homossexuais e o termo “sereia” tem suas raízes na cultura pop, especialmente na figura da personagem Úrsula, a bruxa do mar apresentada neste artigo, e da sereia Aquamarine, no filme homônimo. Esses personagens têm traços que podem ser interpretados como queer, tais como uma expressão de gênero não convencional, a independência e poder femininos, e uma rejeição das expectativas tradicionais de gênero e sexualidade. Além disso, a imagem da sereia é associada com a água, um símbolo de fluidez e liberdade, o que se alinha com a experiência de muitas mulheres lésbicas em encontrar sua própria identidade e aceitação em uma sociedade heteronormativa. Portanto, a associação das mulheres homossexuais com o termo “sereia” é uma forma de afirmar e celebrar sua própria identidade queer e de rejeitar as normas tradicionais de gênero e sexualidade. É uma forma de resistência e empoderamento dentro da comunidade lésbica, que busca reconhecer e valorizar a diversidade e complexidade das experiências queer.

Conclusão

O artigo identificou os valores e estereótipos veiculados pelas representações mitológicas e folclóricas das sereias, utilizadas em filmes como tecnologia de gênero. Considerando a pluralidade interseccional de mulheres representadas por estes seres femininos, observou-se o desrespeito aos direitos humanos em suas trajetórias, em analogia à realidade das mulheres brasileiras. A abordagem interdisciplinar permitiu compreender que as masculinidades são construções sociais que operam na busca da manutenção da ordem patriarcal. No Brasil, é associado ao racismo e ao capitalismo, bem como a uma sociedade androcêntrica e adultocêntrica, aprofundando as desigualdades e as violências. A leitura crítica das relações de gênero nas histórias das sereias destaca como a narrativa pode ser interpretada como uma forma de reforçar normas de gênero tradicionais, ao mesmo

tempo em que marginaliza personagens que desafiam essas normas.

A história de Ariel pode ser vista como uma narrativa que perpetua estereótipos de gênero e submissão feminina. Ela abandona sua voz, vida e família para estar com um homem que teve pouco contato. O dispositivo amoroso se aplica nessa decisão da personagem, tendo em vista que as mulheres são condicionadas a considerar os relacionamentos românticos como uma fonte principal de contentamento e satisfação, o que pode resultar em uma supervalorização desses relacionamentos às custas de outras esferas de suas vidas. Além disso, isso pode levá-las a acreditar que é necessário sacrificar suas próprias necessidades e desejos pelo bem do amor. O dispositivo amoroso também é reforçado pela história de Circe, que tem como uma das interpretações a subjugação da mulher poderosa para o homem tido como herói, fazendo suas vontades.

Outrossim, a Ariel como princesa preta através da escolha de atriz negra para interpretá-la gerou discursos de ódio nas redes sociais e veículos de informação, sendo expressão da marginalização que resulta da interseção entre sexismo e racismo, bem como resultando no enfrentamento de desafios singulares relacionados à obtenção de educação, emprego, assistência médica, justiça e outros recursos para mulheres negras. Por sua vez, ela foi adotada como representante das mulheres que dependem da natureza para sobrevivência, especialmente as mulheres indígenas e camponesas. Além da violência de gênero que atinge a pluralidade de mulheres, neste recorte elas enfrentam obstáculos extras, como a perda de terras e recursos naturais, inserindo suas comunidades em situação de vulnerabilidade econômica. Por fim, Ursula, considerada vilã como Circe por ser independente e livre, também é representação não convencional de sexualidade e gênero e, portanto, da comunidade LGBTQIA+. Desse modo, verificou-se que contrariar as normas de gênero pode ser um ato político de oposição, desmontando sistemas de poder existentes.

Para o presente estudo, as sereias funcionam como um tipo de símbolo das experiências das mulheres, mostrando suas dificuldades, desejos e obstáculos em um ambiente onde as normas de gênero e expectativas patriarcais em regra prevalecem. Na medida em que as sereias representam mulheres, a transformação de sereias em mulheres ou mulheres em sereias é vista como uma punição ou um ato de desafio às normas de gênero. Isso reflete a pressão enfrentada pelas mulheres para conformar-se aos papéis de gênero tradicionais e à ideia de que o feminino é de alguma forma inferior ou negativo. O que se observa em todas as histórias é o desejo dos homens de aprisionamento da sereia, seja por considerá-la figura perigosa, seja pelo encantamento de sua beleza. A submissão é tema comum, em que o intento é tirar, além dos direitos humanos, o direito de fala dos mais variados segmentos de mulheridade. Como se pode lutar pela própria humanidade sem voz?

Referências

A Odisseia. [Filme-vídeo] Direção de Andrey Konchalovskiy. Produção de Francis Ford Coppola, Fred Fuchs, Dyson Lovell. Reino Unido, 1997.

A Pequena Sereia. [Filme-vídeo]. Direção de Ron Clements e John Musker. Produção de John Musker e Howard Ashman. 1989.

ADORO CINEMA. **A Pequena Sereia**. 2012. Disponível em: < <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-18115/criticas/espectadores/>>. Acesso em março de 2025.

ADORO CINEMA. **A Pequena Sereia**. 2023. Disponível em: < <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-247753/>>. Acesso em março de 2025.

AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira Azevedo. Vitimação e vitimização: questões conceituais. In: AZEVEDO, M.A., GUERRA, V. (orgs.) **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder**. São Paulo, Iglu Editora, 1989, p.25-47.

BARROCO, Maria Lucia Silva. Direitos Humanos e Desigualdade: as novas faces da barbárie capitalista: desigualdade se combate com direitos. In: **CONFERÊNCIAS E DELIBERAÇÕES DO 31**

ENCONTRO NACIONAL CFESS/CRESS, 2003, Brasília. Anais. Brasília, 2003.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. Cap.4: Aborto, sexualidade e autonomia.

BOURDIEU, Pierre. La domination masculine. Saint-Amand-Montrond, Éditions du Seuil, 1998, p.15.
In: SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cad. Pagu** n.16 Campinas: 2001. p.115-136.

BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero. *In*: BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla. **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1987. p. 139-54.

FREIRE, Silene de Moraes; SIERRA, Vânia Morales; BATALHA, Arthur Montilho Araujo. **Direitos Humanos no Brasil: a sedução do canto da sereia** *In* 16º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL. Anais. Vitória, 2018.

GRECIA ANTIGA. **Filme A Odisseia, de Andrei Konchalovsky**. 2013. Disponível em: < <https://greciantiga.org/arquivo.asp?num=0186>>. Acesso em março de 2025.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

Iara. [Filme-vídeo] Direção de Sérgio Glenes. Produção de Patrícia Alves Dias. MultiRio: Rio de Janeiro, 2004.

MINAYO, Maria Cecilia S. Los conceptos estructurantes de la investigación cualitativa. **Salud Coletiva**, Buenos Aires, v. 6, p. 251-261, 2010.

MONTEIRO, Clara. ZANELLO, Valeska. Tecnologias de Gênero e Dispositivo Amoroso nos Filmes de Animação da Disney. **Revista Feminismos**. vol. 2, n. 3, set.-dez. 2014.

MOSTRA DE CINEMA INFANTIL. Iara. 2011. Disponível em: < <https://www.mostradecinemainfantil.com.br/iara/>>. Acesso em março de 2025.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cad. Pagu** n.16 Campinas: 2001. p.115-136.

SANTANA, Jade. A palavra das mulheres na preservação cultural indígena. **Estado de Minas**. 2023. Disponível em: <[SANTOS, Caynnã de Camargo; PIASSI, Luis Paulo de Carvalho. Para assistir aos vilões Disney: abjeção e heteronormatividade em “A Pequena Sereia” *In Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 37, n. 2, p. 163-180, jul./dez. 2016.](https://www.em.com.br/app/colunistas/azmina/2023/04/21/noticia-azmina,1484343/a-palavra-das-mulheres-na-preservacao-cultural-indigena.shtml#:~:text=Desde%201500%2C%20pr%C3%A1ticas%20de%20etnoc%C3%ADdio,(Organiza%C3%A7%C3%A3o%20das%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas).> Acesso em fevereiro de 2024.</p></div><div data-bbox=)

SILVA, Vivian da Veiga. As contribuições de Heleieth Saffioti para os estudos de gênero na contemporaneidade. **Revista Feminismos**, [S. l.], v. 7, n. 1, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/33391>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

SEIBERT, Graciele Iridiane. **Mulheres camponesas e o direito a terra: histórias de vida, de luta e resistência.** In PULGA, Vanderléia Laodete. Mulheres camponesas: semeando agroecologia, colhendo saúde e autonomia. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2018.

ZANELLO, Valeska. **Saúde Mental, Gênero e Dispositivos:** Cultura e Processos de Subjetivação. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.

Recebido em 7 e novembro de 2025

Aceito em 6 de janeiro de 2026